

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO – UFOP
INSTITUTO DE FILOSOFIA, ARTES E CULTURA – IFAC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA – DEFIL

NOVA SENSIBILIDADE E AFIRMAÇÃO DO FEMININO NEGRO

Nathalia Nascimento Barroso

Ouro Preto, Minas Gerais – Brasil.

2019

Nathalia Nascimento Barroso

NOVA SENSIBILIDADE E AFIRMAÇÃO DO FEMININO NEGRO

Artigo apresentado como Monografia ao Curso de Filosofia do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Filosofia.

Orientadora: Professora Doutora Imaculada Maria Guimarães Kangussu

Ouro Preto, 2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE FILOSOFIA, ARTES E CULTURA – IFAC
Departamento de Filosofia - DEFIL



DECLARAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Declaramos que a aluna **NATHALIA NASCIMENTO BARROSO**, matrícula **14.2.5039**, foi aprovada com nota **10**..... na avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso(ATV600) do Curso de Filosofia - Bacharelado com apresentação do Artigo Científico intitulado "Nova Sensibilidade e afirmação do feminino negro", no segundo semestre letivo de 2019.

Ouro Preto, **06**..... de **12**..... de 2019

Prof.^a Dr.^a Imaculada Maria Guimarães Kangussu (2.264.488)
Orientadora

Dedico esse trabalho final aos meus pais Jaime e Aparecida, e ao meu irmão Filipe, por sempre me apoiarem e me darem forças para seguir. Ao meu vô/pai Zé Geraldo, minha madrinha/mãe Dila, e os primos/irmãos Leo, Vi e Bruno, pelo apoio, ensinamentos e carinho. À Paula por ser porto seguro, fonte de inspiração, incentivo, carinho e amor. Obrigada por estarem sempre comigo mesmo quando ficamos longe fisicamente.

AGRADECIMENTOS

Não seria possível iniciar os agradecimentos sem agradecer à minha professora orientadora Imaculada Maria Guimarães Kangussu, obrigada Leca pela paciência, dedicação, oportunidades, e, por compartilhar sua sabedoria e tantos ensinamentos que vão muito além. Aos professores do IFAC que me acompanharam ao longo desses anos pela dedicação à docência, por instigarem o pensamento crítico e permitirem que crescesse em mim o amor pela filosofia. Em especial agradeço à Professora Cíntia Vieira e Professor Bruno Guimarães pelo estímulo e por serem referência. Obrigada por contribuírem em minha formação acadêmica. Agradeço à UFOP pela ensino público de qualidade e aos funcionários que tanto ajudaram para que esse formação ocorresse, em especial Angela, Néia e Aguinaldo, muito obrigada!

RESUMO

As obras “Mulheres, Raça e Classe” (1981) e “Blues Legancies and Black Faminism: Gertrude ‘Ma’ Rainey, Bessie Smith and Billie Holiday” (1998) da filósofa norte-americana Angela Davis, juntamente com as direções teóricas oferecidas por Herbert Marcuse, sobretudo na obra “An Essay on Liberation” (1969), apontam que o potencial político da arte é encontrado na necessidade de denunciar a realidade imposta e em curso, propondo uma nova experiência de transformação radical dos valores da cultura dominante, e salientando a necessidade de uma Nova Sensibilidade. O Blues clássico feminino é apontado como exemplo de potencial político de denúncia e de desenvolvimento de uma nova consciência social entre os negros, principalmente os pertencentes à classe trabalhadora norte-americana. Partindo das propostas marcuseanas sobre o papel do potencial político da arte é possível compreender o Blues como um comunicador de verdades que não conseguiam antes serem comunicadas na realidade histórica.

Palavras chave: Angela Davis, Marcuse, Nova Sensibilidade, Feminino Negro, Blues

ABSTRACCT

The books “Women, Race and Class” (1981) and “Blues Legacies and Black Feminism: Gertrude ‘Ma’ Rainey, Bessie Smith and Billie Holiday” (1998) by the philosopher Angela Davis, and the theoretical direction by Herbert Marcuse, especially at the book “An Essay on Liberation” (1969), pointed out the political potential of art, and localized that in the need to denounce an imposed and ongoing reality, proposing a new experience of radical transformation of the values of dominant culture, highlighting a need for a new sensibility. The classical female blues is taken as an example of the political potential of denunciation and development a new social consciousness in working class, especially between black people. The political potential of art makes possible to understand the Blues as a communicator of truths that could not be communicated before in the historical reality.

Key words: Angela Davis, Marcuse, New Sensibility, Black Feminism, Blues

1. “Mulheres, Raça e Classe”, o percurso da mulher negra em perspectiva

Em “Mulheres, Raça e Classe” (1981) Davis apresenta um estudo sobre a história e as condições de vida da população negra nos Estados Unidos, com ênfase nas condições enfrentadas pelas mulheres negras, adotando como pano de fundo um viés interseccional¹. Há uma análise da forma como racismo, sexismo e o capitalismo em curso estruturam as relações vigentes e permitem o surgimento de formas de opressão através da combinação das três citadas. Davis enfatiza o quão importante é pensar a intersecção das opressões, pois a junção delas faz com que grupos já vulneráveis sejam postos em situação de ainda maior vulnerabilidade social. Por agirem de forma entrecruzada é impossível que se crie uma hierarquia entre tais opressões.

A obra apresenta a história do desenvolvimento econômico norte-americano atrelado à história da afirmação do feminino negro. A análise que a autora realiza tem como ponto de partida a escravidão, visto que a mão de obra escravizada representava muito para a economia norte-americana do século XIX. Davis fornece dados que permitem o reconhecimento do racismo como um elemento estruturante fundamental quando se pretende realizar uma investigação da sociedade formada tendo como herança o período escravagista. Com a apresentação da análise econômica é imprescindível que se transite pela questão do racismo devido ao fato de este ser uma das bases de sustentação da economia. A filósofa revela diferentes nuances de diversas formas de opressão mostrando como elas agem como constituintes da sociedade. É apresentada a proposta de uma relação direta entre o escravismo e o trabalho doméstico realizado por mulheres negras na contemporaneidade. Tal proposta traz à baila como a escravidão foi usada como o modelo que tornou o trabalho precário para a população negra, especialmente para as mulheres.

A autora aponta como marco para a origem do movimento feminista negro o movimento antiescravagista que teve a inclusão de mulheres brancas em seu corpo. As feministas brancas da primeira metade do século XIX aderiram ao movimento antiescravagista com outras pautas a serem levantadas e tendo por objetivo conquistar a igualdade com os homens/brancos. A adesão de tais mulheres forneceu visibilidade ao feminismo, mas acabou por invisibilizar

¹ Interseccionalidade: pode ser definido como “o estudo da sobreposição ou intersecção de identidades sociais e sistemas relacionados de opressão, dominação ou discriminação” segundo o artigo “Feminismo Intersseccional: um conceito em construção” disponível em <http://blogueirasnegras.org/2015/09/29/feminismo-interseccional-um-conceito-em-construcao/> acesso em 28/06/2019.

pautas de mulheres negras. Os diferentes objetivos dentro do mesmo movimento fizeram com que as causas das mulheres negras ficassem subsumidas, o feminismo negro era cada vez mais enfraquecido em prol de lutar pelos desígnios das mulheres brancas. No entanto, Davis nos mostra que o movimento feminista negro ressurgirá em meados dos anos 1960 de forma ressignificada, quando há uma grande aposta na junção entre militância, academia e arte. Nesse contexto a questão da interseccionalidade ressurge e é tomada como uma forma de organizar o feminismo pensando questões de gênero, raça, classe e outros marcadores sociais.

Para se pensar o processo de afirmação da mulher negra parte-se da concepção de história entendida como influente no meio social, assim sendo, as marcas temporais do momento histórico são expressas pelas pessoas de tal momento. O texto do frankfurtiano Walter Benjamin² “Sobre o Conceito de História” (1940), elucida essa informação quando o autor afirma:

"Entre os atributos mais surpreendentes da alma humana", diz Lotze, "está, ao lado de tanto egoísmo individual, uma ausência geral de inveja de cada presente com relação a seu futuro". Essa reflexão conduz-nos a pensar que nossa imagem da felicidade é totalmente marcada pela época que nos foi atribuída pelo curso da nossa existência. A felicidade capaz de suscitar nossa inveja está toda, inteira, no ar que já respiramos, nos homens com os quais poderíamos ter conversado, nas mulheres que poderíamos ter possuído. Em outras palavras, a imagem da felicidade está indissolivelmente ligada à da salvação. O mesmo ocorre com a imagem do passado, que a história transforma em coisa sua. O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente. O materialista histórico sabe disso.³

Partindo do proposto pelo filósofo alemão é possível verificar a importância da história e de sua relação com aqueles que a vivem. Entender a história em curso e sua relação com aqueles que sofrem maiores opressões é também conhecer como o capitalismo formou-se e consolidou-se tendo como base o trabalho, principalmente de homens e mulheres negras escravizadas. A história da formação da América apresenta dados que permitem associar as

² Walter Benedix Schönflies Benjamin (1892 – 1940): foi um ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo judeu alemão. Associado à Escola de Frankfurt e à Teoria Crítica.

³ BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. In: *Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literária e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Roaunet. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.222-232.

pautas apresentadas pela luta de classe àquelas levantadas pelos movimentos raciais, e aqui, pode-se acrescentar os movimentos de gênero.

A estudiosa e escritora portuguesa Grada Kilomba⁴ apresenta em sua obra “Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism” (2008) a expressão “outro do outro” para se referir ao sujeito feminino negro, visto que as mulheres negras não são nem brancas, nem homens. Tal expressão nos apresenta a possibilidade de dimensionar a tentativa de silenciamento das mulheres negras, que na hegemonia de um pensamento qualificado masculino e branco, não é pensada a partir de si mesma, mas sim pelo olhar do outro. O fato de a América ter sido colonizada por países que impuseram um sistema escravagista influenciou diretamente a maneira como as relações entre brancos e negros foram estabelecidas, firmadas e mantidas. Quando se trata das mulheres negras, é preciso notar que as relações com elas estabelecidas são ainda mais permeadas por um caráter de dominação, o que ao mesmo tempo dificulta e incita uma luta por uma liberdade, por uma tomada de voz e assim, por uma afirmação enquanto sujeito feminino negro e livre. Perceber-se “outro do outro” permite às mulheres negras afirmarem a necessidade de uma união que tenha bases fundadas para além do gênero, é preciso pautar as questões relativas às mulheres negras de forma tal que elas se comuniquem com as questões, a fim de uma afirmação e conquista do lugar de fala.

2. O Blues, a Nova Sensibilidade e a Consciência feminista

Na obra “Blues Legacies and Black Feminism: Gertrude Ma Rainey, Bessie Smith and Billie Holiday” (1998), Angela Davis apresenta o blues como a forma encontrada pelas mulheres negras de conseguir fazer sua voz ser ouvida, de conseguir pertencer ao “não lugar” mas fazer com que quem estivesse ocupando os “lugares de fato” escutasse as mazelas por elas sofridas. A obra apresenta as análises da filósofa dos caminhos do blues através das três cantoras colocadas em perspectiva, Gertrude “Ma” Rainey, Bessie Smith e Billie Holiday, objetivando demonstrar como a música se configura enquanto uma potência para o movimento feminista negro alcançar um maior número de mulheres. E, não apenas de mulheres.

Davis apresenta uma investigação sobre a forma como as cantoras de blues tomadas para análise possibilitaram, com suas performances que outras mulheres se identificassem com o que estava sendo cantado, fazendo com que uma nova consciência feminista surgisse entre

⁴ Grada Kilomba (1968 -) é escritora, psicóloga e teórica portuguesa reconhecida pelo seu trabalho que tem como foco, o exame da memória, trauma, gênero, racismo e pós-colonialismo.

as mulheres negras, principalmente entre aquelas pertencentes à classe trabalhadora norte-americana. Para a autora, o mais interessante nas canções das artistas escolhidas é a maneira pela qual sugestões de atitudes feministas são apresentadas, conseguindo espaço perante os discursos patriarcais amplamente divulgados.

O blues é apontado como um território rico para um exame da maneira pela qual a interseccionalidade se apresenta, pois, as representações estéticas no blues das políticas de gênero e sexualidades estão sempre entrelaçadas pelas representações de raça e classe levantadas nas canções. Para a filósofa “o nascimento do blues foi uma evidência estética de novas realidades psicológicas dentro da população negra.”⁵ A possibilidade do blues representar e sustentar a consciência feminista que se mostrava emergente à época, reside no fato das canções possuírem narradoras femininas e cantoras que não se apresentam inteiramente subservientes ao desejo masculino e simultaneamente, representam o desejo autonomia das mulheres, assim como, demonstram a recusa a serem maltratadas por seus amantes e patrões. “Os temas sexuais abrangentes que definem o conteúdo e a forma do blues apontam o caminho para a consideração da política e história da sexualidade negra.”⁶

O fim do período escravocrata trouxe transformações para a vida pessoal dos negros recém libertos, pois não mais havia uma receita de como seriam suas vidas, não havia mais um senhor que ditasse o modo de viver e de conduzir seus dias. A educação se apresenta enquanto uma meta que poderia ser realizável, e, de fato, torna-se uma luta importante travada pelos negros norte-americanos. A sexualidade poderia ser finalmente melhor explorada, não havendo um senhor de escravizados que impedisse a formação das famílias de negros, homens e mulheres negros poderiam finalmente ter e manter relações escolhidas por eles e não mais impostas ou impedidas pelos seus senhores. Davis afirma que essa nova consciência tem como pano de fundo o blues, que possibilitou o surgimento de tal e a moldou conseguindo dar expressão a pelo menos duas das transformações que acometeram os negros. É possível encontrar no blues canções que dizem respeito à liberdade para traçar a própria vida, para transitar, e, principalmente, canções que abordam o tema da sexualidade e suas potências.

A sexualidade, tema recorrente às canções de blues, é apresentada como sendo o principal domínio no qual ocorre mudanças quando se compara a vida dos negros escravizados e dos negros libertos da escravização. Assim como é apresentada como chave de mudança

⁵ DAVIS, Angela. *Blues Legacies And Black Feminism: Gertrude ‘Ma’ Rainey, Bessie Smith and Billie Holiday*. New York: Vintage, 1998. p. 5.

⁶ *Ibid*, p.XVII.

daquilo que era cantado pelos negros, pois as músicas durante a escravidão eram ocupadas em expressar o desejo coletivo por liberdade e não em desejos individuais. O blues marca uma nova valorização das necessidades e desejos emocionais individuais. Gertrude “Ma” Rainey e Bessie Smith destacam-se como as primeiras e mais conhecidas cantoras de blues, cantavam sobre o amor sexual sem amarras e restrições, e, deste modo possibilitavam que outras mulheres se identificassem e vivenciassem uma experiência coletiva de liberdade, fazendo com que, por vezes, muitos negros constatassem através de tal experiência que não mais havia a escravidão. A partir desse contexto, salienta-se a importância que a dimensão sexual e pessoal da liberdade adquiriu nas comunidades negras, principalmente da classe trabalhadora.

Em virtude de sua feminilidade, [as mulheres negras] enfrentavam expectativas ideológicas de domesticidade e subordinação advindas da cultura dominante. Por outro lado, dadas as transformações políticas, econômicas e emocionais causadas pelo fim da escravização, suas experiências vividas tornam os pressupostos ideológicos amplamente incoerentes.⁷

As cantoras de blues inauguraram um novo modo de se viver uma política cultural criada por elas, o que possibilitou que uma nova forma de se pensar a mulher negra surgisse e se ficasse na agenda história dos Estados Unidos e do Movimento Feminista Negro. Há um realismo nas canções de blues que é permeado por muitas camadas de significados, muitas vezes, complexas e profundas, pois o blues enfrenta as matérias emocionais, sexuais e históricas que são associadas à uma realidade história específica. Em muitas das letras são encontradas declarações complexas que transcendem as particularidades das cantoras e assumem a forma de denúncia de uma condição comum às mulheres negras

Embora a realidade socioeconômica e política não possibilitasse que as mulheres se afirmassem enquanto sujeitos políticos, com plenos direitos assegurados, assim como podendo transitar livremente, as cantoras de blues superaram tais restrições, e, em suas canções expressam que não concordam com os padrões de feminilidade e comportamento que eram impostos.

Mesmo que tenham chorado, encontraram a coragem de levantar a cabeça e lutar, afirmando seu direito de serem respeitadas não como apêndices ou vítimas de homens, mas como seres humanos verdadeiramente independentes, com desejos sexuais vividamente articulados. As mulheres do blues forneceram exemplos enfáticos da independência feminina negra.⁸

⁷ DAVIS, Angela. 1998, p. 22.

⁸ DAVIS, Angela. 1998, p.20.

A violência contra as mulheres é um dos temas que mais renderam canções às mulheres no blues. Davis aponta que o impulso existente na contemporaneidade em romper com os silêncios que circundam a violência misógina, assim como os movimentos políticos que tem se organizado para atuar contra a violência, tenham como precursor estético o trabalho realizado pelas cantoras de blues a partir da década de 1920.

O blues cantado pelas mulheres sugere uma insurgência feminista emergente, na medida em que, descaradamente, nomeiam o problema da violência masculina e, portanto, a tiram das sombras da vida doméstica, onde a sociedade a manteve escondida e para além da análise pública ou política.⁹

Ao cantar sobre os abusos físicos, as mulheres nomearam a violência doméstica no contexto coletivo e assim, definiram-na enquanto um problema digno de discussão pública. Ao escutarem em músicas como “Outside of that”¹⁰ na voz de Bessie Smith, os versos “ele me bate (...) ele enegreceu meu olho, eu não posso ver (...) ele se virou e derrubou meus dois dentes”, as mulheres que já que foram ou ainda são vítimas de abuso e violência doméstica conseguem perceber que não estão sozinhas, que sua condição é semelhante à de outras mulheres, é compartilhada e, portanto, é uma questão social que deve ser pensada principalmente pelas mulheres negras. Para Davis “através do blues, os problemas ameaçadores são extraídos da experiência individual isolada e reestruturados como problemas compartilhados pela comunidade.”¹¹ Salienta-se o fato das personagens femininas evocadas pelas canções de blues majoritariamente não se encaixarem nos modelos que já haviam sido construídos de vítimas de abusos e violência. As personagens femininas usualmente eram mulheres independentes que não desejam o fim dos abusos que sofriam, mulheres que não pensavam duas vezes antes de empunhar armas contra os homens que as maltratavam. Elas desafiavam à sua própria maneira a forma como estava imposta uma inferioridade baseada em gênero.

A década de 1920 inaugura o blues de autoria feminina que introduz um novo modelo para as mulheres negras poderem seguir, modelo este que ressalta a possibilidade de elas serem mais assertivas, sexys, sensuais, conscientes, independentes, assim como, realistas e inseridas em uma comunidade que deveria as respeitar. O blues possibilitou uma nova maneira das mulheres se reconhecerem vivas e elaborarem uma nova consciência social sobre o que é ser uma mulher negra. Davis acredita que as canções de Gertrude “Ma” Rainey e Bessie Smith prepararam historicamente as mulheres negras da classe trabalhadora norte-americana para os

⁹ DAVIS, Angela. 1998, p. 29.

¹⁰ Música de Carence Williams e J. H. Trent, interpretada por Bessie Smith em 1923.

¹¹ DAVIS, Angela. 1998, p. 36.

protestos sociais que recusariam privilegiar o racismo sobre o sexismo. “Vista a essa luz, as mulheres do blues podem ser entendidas como responsáveis pela disseminação de atitudes em relação à supremacia masculina que, decididamente, têm implicações feministas.”¹²

O blues se configura como um gênero descendente das canções em busca da liberdade e das canções de trabalho, que apresentam um amplo uso da ironia para destacar a desumanidade para com os escravizados.

Eu quero enfatizar o blues das mulheres como um importante mediador cultural para a consciência de gênero que transformou as memórias coletivas da escravidão ao trabalhar uma nova construção social do que é o amor e a sexualidade. O blues forneceu um espaço onde as mulheres podiam se expressar de novas maneiras, um espaço no qual às vezes afirmavam a ideologia dominante da classe média, mas podiam também se desviar completamente dela.¹³

Davis evidencia que a abolição da escravidão não trouxe liberdade econômica ou política para os negros, mas criou a possibilidade de novos tipos de relações se estabelecerem entre os indivíduos negros, o que faz com que se crie uma nova avaliação do negro enquanto indivíduo. O blues permitiu e forneceu representações culturais da nova individualidade do negro, em especial o blues feminino que serviu como local para a elaboração e afirmação de uma independência para as mulheres negras. O blues permitiu que a comunidade feminina se envolvesse esteticamente com ideias e experiências que não estavam acessíveis à estas mulheres no real.

O blues como um gênero marcou ponto no desenvolvimento histórico dos afro-americanos no momento em que as comunidades negras pareciam abertas a todo tipo de novas possibilidades. Foi uma forma musical cuja celebração de transformação e contestação da exploração teve um significado especial para as mulheres afro-americanas. Oferecia-lhes a possibilidade de desafiar as normas sociais que governam o lugar das mulheres dentro da comunidade e dentro da sociedade em geral.¹⁴

Para a norte americana o blues apresenta uma experiência que se configura emocionalmente pela psiquê individual e se molda historicamente pelas condições dos negros pós-Guerra Civil e término da escravização, se caracteriza pelos sentimentos e circunstâncias que o ocasiona, que provocam a necessidade de se cantar sobre. As cantoras de blues possibilitaram uma nova forma de lidar com os preconceitos relacionados à gênero, raça e

¹² DAVIS, Angela, 1998. p. 55.

¹³ DAVIS, Angela. 1998, p. 47.

¹⁴ DAVIS, Angela. 1998, p. 74.

classe, elas criaram a possibilidade do protesto, que nas décadas que seguiram às suas carreiras, adquire um caráter político explícito. Gertrude Rainey e Bessie Smith possuem canções que podem ser interpretadas como uma preparação histórica para os futuros protestos políticos que emergem na década de 1960. Tratam-se de canções que vão além das reclamações superficiais, são canções que começam a articular uma consciência feminina negra que tenha por consideração as condições sociais, o que inclui a exploração de classe, o racismo e a dominância masculina. Davis ressalta que para que o protesto ganhe caráter político é preciso que tenha uma estrutura política organizada que funcione como um canal no qual queixas individuais são transformadas em protesto coletivo. Assim como atenta-se ao fato que quando expresso através de formas estéticas, raramente o protesto se configura enquanto um chamado direto à ação. O que é preciso ter em consideração é que as representações estéticas críticas de um problema social são entendidas como constituintes poderosas para atos sociais e políticos. O blues enquanto forma e fenômeno estético deve ser entendido como o meio para se atestar e registrar a falta de possibilidades reais e atingíveis de transformação social.

É necessária a existência de uma estrutura política organizada que seja capaz de funcionar como um canal de transformação de queixas individuais em protesto coletivo efetivo para que se considere que um protesto adquiriu um caráter político explícito. Um protesto social nunca pode ser realizado como sendo uma função exclusiva ou limitadora da arte. Davis apresenta a arte como facilitadora de um encorajamento para uma atitude crítica, assim como a arte pode incitar seu público a desafiar as condições sociais impostas, porém, a arte não pode estabelecer o terreno do protesto por si só. É preciso que unido à arte ocorra um movimento de massa, preferencialmente popular, para que seja possível o encorajamento de atitudes críticas.

Quando o blues nomeia os problemas que a comunidade quer superar, ele ajuda a criar as condições emocionais para o protesto, mas não constituem e não poderiam, por si mesmos, constituir um protesto social.¹⁵

O blues se apresenta como uma expressão individual de uma coletividade, trata-se de músicas voltadas para o interior do ouvinte, mas que insistem na resignificação no exterior das vidas dos negros. Davis apresenta a estética do blues como uma estética da autoconsciência, a qual não relega às margens ninguém e nenhum tipo de comportamento, estando aberto para todos os assuntos que atingem a comunidade negra. Apresenta um caráter socializador que se torna consciente da natureza compartilhada pelas experiências emocionais, portanto o blues sempre apresenta um caráter coletivo.

¹⁵ DAVIS, Angela. 1998, p. 113

O blues feminino, especificamente, celebrava e valorizava a vida da classe trabalhadora negra enquanto simultaneamente contestava as suposições patriarcais sobre o lugar das mulheres tanto na cultura dominante quanto nas comunidades afro-americanas.¹⁶

Billie Holiday surge como a cantora que irá realizar a passagem do blues para o jazz. Davis aponta a cantora como realizadora de uma arte problemática que não apresenta uma articulação real das implicações sociais do processo estético transformador que é desencadeado por suas canções. “No entanto, mesmo que não houvesse nada na vida de Billie Holiday para sugerir uma consciência social autoconsciente, isso não justificaria a negligência quase universal da política de sua música.”¹⁷ Para a análise das canções de amor de Billie Holiday, a autora apresenta a noção do filósofo Herbert Marcuse sobre a “dimensão estética” que é encontrada e explorada por ele na obra “Eros e Civilização”. Marcuse argumenta que “O potencial político da arte (...) reside apenas em sua própria dimensão estética”.¹⁸ Utiliza-se tal conceito para desafiar a suposição existente de que “o político e o estético, o conteúdo revolucionário e a qualidade artística tendem a coincidir.”¹⁹

“As qualidades radicais da arte”, segundo Marcuse, “baseiam-se precisamente nas dimensões em que a arte transcende sua determinação social e se emancipa do universo dado de discurso e comportamento, preservando sua presença avassaladora. Assim, a arte cria o domínio no qual a subversão da experiência própria da arte se torna possível: o mundo formado pela arte é reconhecido como uma realidade que é suprimida e distorcida na realidade dada”²⁰

Davis atenta-se para a possibilidade de uma conceituação da “dimensão estética” que esteja fundamentada no historicismo e no coletivismo. Para além de um produto exclusivo de um artista, que cria uma subversão estética individual, a autora argumenta a favor da possibilidade de se pensar a “dimensão estética” da obra de Billie Holiday como representante de uma simbiose que retira seus temas da historicidade em curso e também contribui para a formação da história social e musical dos negros norte-americanos.

A autora aponta a possibilidade existente na música de se falar o indescritível, de comunicar ideias. Explica que inicialmente a música feita pelos negros escravizados possuía a voz humana desacompanhada pois o tambor havia sido banido pelos senhores de escravos como forma de se evitar a comunicação clandestina entre os escravizados, o que poderia ocorrer

¹⁶ DAVIS, Angela. 1998, p. 120.

¹⁷ Ibid, p. 163.

¹⁸ Ibid, p. 164.

¹⁹ Ibid, p. 164.

²⁰ Ibid, p. 164.

através do ritmo das batidas no tambor. Desde os tempos da escravização os negros comunicavam-se uns com os outros através das músicas, possibilitando o surgimento do sentimento de pertencimento a uma comunidade que poderia desafiar a identidade coletiva imposta, a de escravizados. Tal capacidade de transmitir diferentes significados e de falar o indescritível foi mantida e assimilada pelas cantoras de blues que emergiram no século XX.

A filósofa apresenta a impossibilidade de a arte alcançar um status de grandeza através da transcendência da realidade socio-histórica, e aponta que embora seja possível transcender às circunstâncias e convenções, a arte encontra-se profundamente enraizada nas realidades sociais de seu tempo. Marcuse na obra “An Essay on Liberation” dedica um capítulo ao conceito “nova sensibilidade” que deve ser compreendido como uma sensibilidade estética que transfigura-se em sensibilidade política. A nova sensibilidade caracteriza-se pela negação da realidade em curso e pela afirmação da necessidade de uma nova configuração social que tenha por base a estética. A nova sensibilidade torna possível que uma nova racionalidade seja instituída, o que é possibilitado através das canções de blues.

3. Conclusões

Sei que estamos nessa luta por um tempo indeterminado, que não vamos resolver esse problema nem hoje nem amanhã. Portanto, temos que aprender a manter a alegria, mesmo quando enfrentamos grandes dificuldades. Meu trabalho representa a forma como escolhi viver. Quero continuar lutando.²¹

Angela Davis apresenta ao longo de suas obras uma elaboração sobre a forma como as mulheres negras se articulam, criam modos de vivência e de afirmação enquanto sujeitos dando ênfase à importância do blues enquanto uma manifestação estética que possibilita modificações na consciência das comunidades negras, principalmente da classe trabalhadora. É possível perceber o intuito da autora de desconstruir, apoiada na história e em conceituações marxistas, parte das visões distorcidas que são divulgadas sobre as mulheres negras, o que ocorre ao se atentar para a importância da interseccionalidade entre raça, classe e gênero.

²¹ DAVIS, Angela. Viver e Continuar Lutando. In: WERNECK, Jurema (Org.). *O Livro da Saúde das Mulheres Negras*. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2000, p. 72.

É preciso lembrar que o movimento feminista que estava em ascensão nos Estados Unidos na década de 1960, apresentou uma relação bastante conflituosa com as mulheres negras, que era constantemente invisibilizadas e silenciadas. Davis apresenta uma crítica a tal feminismo, considerado por muitos como o “feminismo tradicional” pois este reivindica a existência de uma essência feminina, de um ser mulher universal. Nas obras da autora é possível encontrar discussões acadêmicas e da militância política que se misturam e permeiam seus escritos. A filósofa defende a importância de se pensar o feminismo enquanto teoria e prática que se combinam para o combate às desigualdades, para o enfrentamento do patriarcado e do capitalismo em curso. É preciso que se pense as inúmeras formas de ser mulher e não apenas aquela que se baseia nas mulheres brancas e de classe média.

A leitura e análise de “Mulheres, Raça e Classe” (2016) incita a reflexão sobre o “lugar de fala” das mulheres negras e sobre a importância da conquista deste lugar. Ao entrelaçar gênero, classe e raça, Davis apresenta a dimensão problemática encontrada no feminismo que defende a universalização da mulher, assim como é possível notar uma crítica a tal feminismo que se mostra incapaz de compreender as diferenças, realidades, e demandas levantadas pelas mulheres negras. Salienta-se também a inferioridade associada a população negra, muitas vezes, tida como incapaz de progressos intelectuais, visto que, os negros haviam sido propriedade de brancos, e estes, ainda hoje, consideram as pessoas negras naturalmente inferiores e subordinadas. Porém, caso houvesse verdade biológica em tal preconceito, os negros não teriam o passado histórico de luta e busca por autonomia, direitos e afirmação.

Davis defende que a principal maneira encontrada pelas mulheres negras para resistir às estruturas do racismo, capitalismo e patriarcado e assim, conseguir a conquista de uma voz própria e autonomia, ocorrer através da estética. O blues e o jazz se apresentam como manifestações estéticas originalmente produzidas pelos negros, são permeados por denúncias de abusos e se popularizam entre as comunidades negras, possibilitando mudanças na consciência sociopolítica de tais comunidades. A obra “Blues Legacies and Black Feminism: Gertrude “Ma” Rainey, Bessie Smith and Billie Holiday” (1998) propõe a reconceituação da noção de “Dimensão Estética” proposta inicialmente por Herbert Marcuse, a filósofa apresenta em sua proposta que a noção de dimensão estética seja fundamentada na história, e de maneira coletiva, que tenha por base o movimento organizado pelas mulheres negras. As cantoras de blues realizam a ponte entre as ideias feministas e as ouvintes que se identificavam com as denúncias realizadas pelas canções. O blues permitiu que as mulheres explorassem temas e

tabus, permitiu o diálogo e identificação, sendo, portanto, um ambiente seguro e frutífero para a estruturação de discursos do feminismo negro.

“A estética do blues é uma estética da autoconsciência, afinal. Mas, em sentido menos óbvio, a defesa do blues proposta pelas artistas clássicas que estou explorando, Gertrude “Ma” Rainey e Bessie Smith, tem profundas implicações feministas. Pois, tanto na defesa quanto na realização do blues, elas estavam estabelecendo-o como um gênero que pertencia tanto às mulheres quanto aos homens. Elas também estavam implicitamente definindo o blues como um local no qual as mulheres poderiam articular e comunicar seu protesto contra o domínio masculino.”²²

²² DAVIS, Angela. 1998, p.127-128.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Fontes primárias:

DAVIS, Angela. As Mulheres Negras na Construção de Uma Nova Utopia. In: Portal Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/>. Acesso em 24/08/2018

_____. Blues Legacies and Black Feminism: Gertrude “Ma” Rainey, Bessie Smith and Billie Holiday. New York: Vintage, 1998.

_____. Mulheres, Raça e Classe. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

MARCUSE, H. An Essay on Liberation. Boston: Bicompress, 1969.

_____. Eros and Civilization: a Philosophical Inquiry into Freud. London: Routledge, 1998. Na tradução de Álvaro Cabral, Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981-1999.

Fontes secundárias:

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In:_____. Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literária e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DAVIS, A. Mulheres, Cultura e Política. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2017.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminino negro. Tradução de Juliana de Castro Galvão. In: Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1. Janeiro/Abril 2016.

HOOKS, bell. Mulheres Negras: Moldando a teoria feminista. In: Revista Brasileira de Ciência Política. Nº16. Brasília, janeiro – abril de 2015, pp.193-210.

_____. O Feminismo é Para Todo Mundo: Políticas Arrebatadoras. Tradução de Ana Luiza Libânio. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2018.

KILOMBA, Grada. Plantation Memories. Episodes of Everyday Racism. Münster: Unrast, 2010.